

Telégrafo e Internet: primeiras considerações sobre a tecnologia de comunicação como fenômeno social¹

Fernanda Pizzi²

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A centralidade dos fenômenos que se desenvolvem a partir ou em torno da Internet torna premente uma investigação que não apenas problematize sua presença, mas também seja capaz de demarcar o modo como ela atua e se relaciona no corpo da sociedade. Para tanto, sugerimos um estudo comparativo entre a Internet e o telégrafo, a ser desenvolvido a partir de um esquema que visa a fornecer uma descrição ampla e documentada de ambas tecnologias. Este esquema engloba (1) a história do objeto técnico de comunicação; (2) os efeitos concretos de sua presença no seio social; e (3) os discursos (mídia e academia) a ele referentes. O que norteia este artigo, portanto, é a necessidade de refletir sobre os cuidados metodológicos e a orientação teórica que pautam a análise, além da tentativa de contribuir para a compreensão do papel das tecnologias de comunicação na cultura contemporânea.

Palavras-chave

Internet; telégrafo; tecnologia de comunicação; prática social.

Introdução

Em edição especial publicada às vésperas do ano 2000, a Revista *Veja* enumera os “100 fatos que mudaram o mundo do ano de 1001 até 2000”. É curioso notar que, dentre eles, nove estão diretamente relacionados a meios de comunicação, inclusive o considerado de maior importância e alcance: a imprensa de Gutenberg (1455). “A aceleração do Renascimento foi apenas o primeiro subproduto da imprensa de Gutenberg. Sem ela, o movimento protestante talvez não nascesse, bem como as revoluções industriais e políticas dos séculos seguintes” (1999, p.121).

Em ordem inversa de importância, os demais eventos e personagens comunicacionais citados pela revista são: em 59º, o jornal impresso (“as manchetes do dia”, 1609); em 41º, o telégrafo (“o telégrafo entra na linha”, 1844); em 37º, a fotografia (“a imagem capturada”, 1826); em 32º, o cinema (“a primeira sessão”, 1895); em 30º, o transistor (“o transistor resolve”, 1947); em 25º, o rádio (“sem fio”, 1901); em 20º, o

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa Intercom.

² A autora é mestranda em Comunicação e suas pesquisas se enquadram na linha de “Novas Tecnologias e Cultura”. Graduada em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da UFRJ, é integrante do “Núcleo de Pesquisa em Tecnologia, Cultura e Subjetividade” (CiberIDEA – ECO/UFRJ). E-mail: ferpizzi@rio.com.br

telefone (“conversa de mão dupla”, 1876); em 14º, a primeira transmissão de televisão (“ao vivo, diretamente de Schenectady”, 1928); em 1º, a imprensa de Gutenberg (“Gutenberg faz a Bíblia”, 1455).

A seleção desses fatos foi feita em função da seguinte questão: que diferença um determinado acontecimento fez na vida cotidiana das pessoas que ele afetou?

A revista sugere, portanto, que os meios de comunicação desempenharam papel central no milênio passado. O que esperar dos próximos mil anos?

Recorrendo mais uma vez à *Veja*: “pouca coisa se pode dizer com certeza sobre o futuro. (...) Sabemos apenas que, sejam quais forem os milagres que o próximo milênio trazer, eles serão possíveis graças ao mesmo gênio: o computador” (VEJA, 1999, p.126).

Com efeito, é ao computador que se atribui uma série de inovações nas mais diversas áreas do conhecimento humano. Na Comunicação, sabe-se que o barateamento e a miniaturização dos computadores pessoais é condição para o sucesso das chamadas “novas tecnologias de comunicação”, ou tecnologias de comunicação mediadas por computador. Em geral, essas tecnologias são aclamadas como revolucionárias face às possibilidades de comunicação que elas (supostamente) inauguram. Basta recordar o grande furor invariavelmente associado à Internet em seus primórdios.

Fato é que o novo milênio foi brindado como a “Era da Informação”: “atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela” (CASTELLS, 2003b, p.49-53). Do que se infere que a Internet – um objeto técnico de comunicação – figura como central para se pensar o mundo hoje. Daí a premência de se investigar a presença e o funcionamento da rede mundial de computadores na sociedade contemporânea.

Mas como fazê-lo?

Esta é a questão que norteia este artigo. A proposta aqui encaminhada aponta como caminho uma análise comparativa da Internet com o telégrafo. Tal abordagem destaca a importância de se examinar as implicações da Internet dentro de uma perspectiva histórica. Afinal, cumpre lembrar que a Internet tal qual conhecemos representa décadas de desenvolvimento e se apropria de inovações técnicas que remetem pelo menos ao desenvolvimento da comunicação elétrica, que tem início justamente com o telégrafo. Assim, aposta-se que localizar o estudo da Internet em um contexto social mais amplo pode

fornecer uma compreensão mais adequada das dinâmicas que envolvem objeto técnico e meio sociocultural. Cuidando para não desviar a análise para relativismos exacerbados, trata-se, pois, de efetuar uma pesquisa documentada e situada da presença do objeto técnico de comunicação em nossa experiência diária.

Tendo em vista o objetivo geral de empreender um estudo comparativo entre o telégrafo e a Internet como via para compreensão desta na sociedade contemporânea, o desafio torna-se decifrar os efeitos da tecnologia de comunicação que, acredita-se, concorrem para alterações na configuração da ordem social e das práticas culturais vigentes. Dito de outro modo, torna-se crucial uma reflexão que equilibre histórias de indivíduos comuns com histórias de instituições e confira ênfase aos fatores que contribuíram para as mudanças decisivas na história do próprio instrumento. Afinal, como produto de seu ambiente social, a tecnologia é construída em função das necessidades e dos desejos sociais do homem.

Este texto se dedica, pois, a investigar uma maneira de proceder (método) para dar conta do objetivo descrito acima. Detalharemos, nas próximas páginas, os vários cuidados e as diversas implicações metodológicas deste estudo. Convém mencionar que este artigo representa o esforço inicial de uma pesquisa mais extensa, ainda em andamento, e que pode lançar luz sobre um sem-número de questões (que aqui não cabe desenvolver) acerca da articulação entre tecnologias de comunicação e mudança cultural³. Destas, uma desperta particular interesse: o que a história do telégrafo e da Internet pode nos dizer sobre a singularidade de uma tecnologia de comunicação? Ou, em termos mais amplos, que valor específico se atribui ao objeto técnico de comunicação? Como e em que medida ele se distingue dos demais objetos técnicos?

Em última instância, dado que “a ciência é um produto dos homens e das condições específicas por ele vividas; traz as marcas de suas necessidades, suas vicissitudes, seus limites e seus investimentos” (FRANÇA, 2001a, p.51), espera-se que a pesquisa forneça uma contribuição à nossa compreensão do papel das tecnologias de comunicação na cultura contemporânea.

Meio de comunicação: objeto técnico e prática social

³ A respeito desta conexão entre meios de comunicação e mudança cultural, cf. VAZ, 2002.

Vimos que

“a Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação” (CASTELLS, 2003a, p.287).

Mas como a Internet afeta a ordem social e as práticas culturais vigentes?

No esforço de encontrar indícios para tal resposta, delimitamos metodologicamente um esquema que julgamos suficientemente amplo para abarcar o complexo quadro de experiência em que se travam as interações entre uma tecnologia comunicacional e seus usuários. Ele buscará informar, tanto em relação ao telégrafo quanto à Internet⁴: (1) a história do objeto técnico de comunicação; (2) os efeitos concretos de sua presença no corpo social; (3) os discursos provocados por ou referentes a ele, em dois níveis: o da mídia (3.1) e o da academia/ teóricos (3.2).

É certo que a definição dos elementos deste esquema não é fortuita; busca, antes, conformar-se com o horizonte teórico que norteia o conjunto da pesquisa. Portanto, é sobre esta análise (do telégrafo e da Internet) que, a rigor, incidem os cuidados metodológicos que merecem maior escrutínio. A seguir, tanto essas questões de método como a orientação teórica que pauta a definição dos conceitos serão detalhadas de sorte que cada item proposto resulte, a um tempo, compreensível, claro e necessário.

Sobre a proposta metodológica

“Ali comecei a aprender que todo problema, grave ou fútil, pode ser liquidado pela aplicação de um método” (Claude Lévi-Strauss, 1996, p.49).

Servir-se de um método⁵ consiste em ordenar um trajeto com vistas a cumprir os objetivos projetados; trata-se de “elaborar reflexivamente um modelo capaz de dar conta da realidade” que se pretende conhecer (AMARAL, 1977, p.83).

Esse modelo, é importante frisar, deve considerar as idiosincrasias de seu objeto, respeitando sua historicidade particular e estruturando-se a partir do campo científico em que ele se insere. Dado que nosso problema habita o campo da Comunicação, convém tecer

⁴ É importante mencionar desde já que tanto o telégrafo como a Internet serão examinados em sua fase inicial de adoção.

⁵ Do grego *methodos*: *meta* (através de, por meio), *hodos* (via, caminho) (GARMENDIA, 1976).

algumas observações que explicitam os pressupostos teóricos que guiam e balizam esta investigação, além de elucidar o emprego de conceitos em geral imprecisos⁶.

De modo sucinto, é oportuno mencionar que os estudos da Comunicação “se originam do aporte de diversas disciplinas”, de maneira que a reflexão sobre seu objeto “suscita a contribuição [dessas] várias disciplinas, atravessa fronteiras estabelecidas, promove migrações conceituais, colagens, justaposições” (FRANÇA, 2001a, p.51). Decerto, tal característica resultará evidente no diálogo que esta pesquisa trava com proposições teóricas de outros domínios disciplinares.

No que concerne ao objeto da comunicação, explica Vera França (2001b):

“A comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (...) Trata-se, portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura” (FRANÇA, 2001b, www).

O que podemos apreender dessa compreensão da comunicação como processo?

Em linhas gerais, ela considera a natureza entrelaçada dos fenômenos sociais e coloca em cena a complexidade maior que define um meio de comunicação. Precisar os termos dessa compreensão pode fornecer dicas para a elaboração do modelo a ser utilizado no tratamento das questões que aqui se pretende abordar.

Se a comunicação se dá nos quadros da historicidade da realidade material e simbólica, é necessário “pensar os meios de comunicação em relação aos contextos sociais práticos nos quais os indivíduos produzem e recebem as formas simbólicas mediadas” (THOMPSON, 1998, p.41), o que equivale ao alerta de que “a forma cultural não pode ser abstraída de seu contexto social de produção, circulação e recepção” (Ibid., p.41).

Uma vez circunscrito o contexto, é fundamental ter em mente que as áreas da ação humana não constituem domínios isolados da ação social, mas realidades cujo contato garante o diálogo entre as práticas dos indivíduos e os fatores políticos, culturais, econômicos e técnicos que formam o conjunto da sociedade. Dessa constante negociação,

⁶ Em edição especial, a revista *New media & society* assume as novas tecnologias de comunicação como tema central para desenvolver ampla discussão metodológica. Cf. SILVERSTONE, 1999.

decorrem as inovações que engendram usos variados para o objeto técnico. De acordo com Bognoux (1999):

“Nenhuma técnica contém em seu interior seu sentido completo, assim como um enunciado não é dotado de sentido fora da enunciação. (...) Igualmente, uma inovação técnica programa sem dúvida certos usos, mas estes por sua vez desviam, modificam ou adaptam a ferramenta aos mundos próprios dos utilizadores. Assim como a enunciação pilota e recicla o enunciado, colocaremos que o uso constitui uma criação contínua da ferramenta ou da inovação. (...) Essencialmente inacabadas quando são postas ou enunciadas no mercado, nossas ferramentas são esponjas para usos, e não atingem a maturidade senão bastante tarde” (p.109-11).

Esta é também a ênfase do estudo que Carolyn Marvin desenvolve acerca do telefone e da luz elétrica, as tecnologias de comunicação “mais experimentadas e desenvolvidas técnica e socialmente no último quarto do século XIX” (1988, p.6). Marvin assevera que os meios de comunicação não são objetos naturais fixos; antes,

“são complexos de hábitos, crenças e procedimentos construídos e incorporados em elaborados códigos culturais de comunicação. A história de um meio nunca é mais ou menos que a história de seus usos, que sempre nos desloca para as práticas sociais e os conflitos que elas iluminam” (Ibid., p.8).

De forma similar, recomenda a Antropologia:

“Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram-na também em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. Todavia, nestes casos o significado emerge do papel que desempenham no padrão de vida corrente, não de quaisquer relações intrínsecas que mantenham umas com as outras” (GEERTZ, 1989, p.27).

De posse do que prescrevem a História, a Antropologia e a Teoria Social, e considerando que “a comunicação não é um ato isolado, mas um fluxo contínuo, de muitas origens e direções, com conteúdos e formas em constante mutação” (BORDENAVE, 1986, p.31), resulta evidente que, para uma pesquisa dirigida à tecnologia de comunicação, não é suficiente ver as pessoas usando os artefatos; é fundamental saber como as pessoas fazem as coisas e como um dado objeto – o telégrafo, a Internet – introduz modificações nesse modo de operar. Já vimos que o uso que se faz do objeto técnico não segue as recomendações prescritas pelos construtores; antes, cada grupo adapta seu formato às suas necessidades. Nesse sentido, torna-se necessário pensar os efeitos do telégrafo e da Internet no âmbito da vida cotidiana dos cidadãos. Em última análise, esta é, conforme salienta o

cientista social Manuel Castells, a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina: “as pessoas, as instituições e a sociedade em geral transformam a tecnologia, apropriando-a, modificando-a, experimentando-a” (CASTELLS, 2003b, p.10).

Se o significado da tecnologia está inextricavelmente atrelado à ação social, pode-se inferir que “uma ferramenta técnica é sempre uma relação social, e nossas relações sociais são informadas e mediados por dispositivos técnicos” (BOUGNOUX, 1999, p.121). Daí que “nossos estudos de comunicação devem abranger os aspectos simbólicos e técnicos dos fenômenos” (Ibid., p.121).

Não basta, portanto, colocar em relevo os acontecimentos, as ações práticas e as relações sociais que operam e recebem significado segundo o cenário específico de uma determinada cultura. É necessário somar a isso uma análise do conjunto dos discursos⁷ em que o objeto técnico de comunicação é “nomeado, descrito, metaforizado, explicado, julgado” (FOUCAULT, 1996, p.67).

Assim, dado que “um espaço de propagação nunca está vazio, mas sempre já saturado de mensagens ou de representações consistentes” (BOUGNOUX, 1999, p.118), são os discursos que melhor permitem apreender o valor atribuído aos objetos, na medida mesma em que mantêm vínculo com importantes mudanças estruturais em uma sociedade, encarando-as em termos de seu impacto na vida dos indivíduos. Para evitar uma síntese empobrecedora das diferentes visões, nossa proposta situa os discursos no contexto e também em relação ao debate acadêmico. Afinal, é imprescindível englobar vozes variadas e opostas para lidar com diversos pontos de vista coletivos e individuais.

A esse respeito, convém citar, ainda que de modo breve, as reflexões de Foucault presentes n’*A ordem do discurso*. Referindo-se a um possível estudo sobre as “interdições que atingem o discurso da sexualidade”, Foucault conclui que

“seria difícil e abstrato empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata da sexualidade. (...) Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade. (...) As interdições não têm a mesma forma e não interferem do mesmo modo no discurso literário e no da medicina, no da psiquiatria e no da direção de consciência. E, inversamente, essas diferentes regularidades discursivas não reforçam, não contornam ou não deslocam os interditos da mesma maneira” (FOUCAULT, 1996, p.67-8)⁸.

⁷ Lê-se “discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita” (FOUCAULT, 1996, p.8).

⁸ Foucault escreve que as análises de discursos respondem a uma dupla tarefa: uma crítica, outra genealógica. A tarefa crítica, “pondo em questão as instâncias do controle, deve analisar ao mesmo tempo as regularidades discursivas através

Convém esclarecer ainda que os acontecimentos particulares (locais) e os discursos devem ser analisados pelo que revelam sobre a cultura⁹ em que se processam. Devem, portanto, ser ligados às mudanças estruturais na sociedade, de forma que se consiga conciliar a experiência e os modos de pensar das pessoas comuns (em seus cenários específicos da ação prática) à estrutura econômica e social (WALLERSTEIN, 1999). Entende-se que este cuidado evite sobretudo o deslize de se “derivar prática social do artefato midiático” (MARVIN, 1988, p.7); o que equivale à atenção para que não se caia num determinismo – por definição redutor – tecnológico ou sociobiológico.

Com efeito, entrevedo o estudo comparativo que se almeja realizar, toda essa discussão de fundamentos pode ser sistematizada em três questões:

1. em que contexto se processam a criação e o desenvolvimento do telégrafo e da Internet?
2. como e em que medida a adoção do telégrafo e da Internet provoca alterações nas práticas socioculturais?
3. o que se diz a respeito do telégrafo e da Internet: como ele é tratado na mídia e em textos acadêmicos? Que atributos lhes são conferidos?

Cada questão traduz exatamente o que os itens do esquema apresentado problematizam. Recordando: (1) a história do objeto técnico de comunicação; (2) os efeitos

das quais elas se formam; e toda descrição genealógica deve levar em conta os limites que interferem nas formações reais” (1996, p.66). Dado o objetivo geral desta pesquisa, justifica-se um breve parêntese para pormenorizar a “genealogia”. Modo crítico de investigação que consiste em um trabalho metódico de documentação paciente, a genealogia pressupõe que seguir o curso complexo de qualquer descendência é manter eventos passados em sua dispersão formal; é identificar os acidentes, as divergências minuciosas, os erros, as avaliações falsas e os cálculos equivocados que engendraram essas coisas que continuam existindo e que têm valor para a sociedade (VEYNE, 1982). A essa ausência de linearidade corresponde a seguinte compreensão da história: “a história não considera um elemento sem definir a série da qual ele faz parte, sem especificar o modo de análise da qual esta depende, sem procurar conhecer a regularidade dos fenômenos e os limites de probabilidade de sua emergência, sem interrogar-se sobre as variações, as inflexões e a configuração da curva, sem querer determinar as condições das quais dependem. Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição” (FOUCAULT, 1996, p.55-6).

Retomando a noção de comunicação como processo (FRANÇA, 2001b), podemos afirmar, parafraseando mais uma vez Foucault, que “é sempre no âmbito da materialidade que ele [o processo] se efetiva, que é efeito; ele possui lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material” (1996, p.57).

É sob esta perspectiva que a presente investigação aposta na atenção contínua à pesquisa de arquivo e às fontes de documentação como caminho profícuo para os estudos das novas tecnologias de comunicação.

⁹ Conforme definição de Clifford Geertz (1989), a cultura é “um contexto, algo dentro do qual os processos podem ser descritos de forma inteligível” (p.24). E é a cultura que torna acessíveis os significados atribuídos ao objeto técnico em relação a todo o conjunto da vida social.

concretos de sua presença no corpo social; (3) os discursos provocados por ou referentes a ele, em dois níveis: o da mídia (3.1) e o da academia/ teóricos (3.2)¹⁰.

Do método à análise

Uma vez apresentados os fundamentos a partir dos quais o esquema foi desenhado, podemos avançar para a análise dos dois objetos técnicos que aqui fazem questão: o telégrafo e a Internet¹¹.

Em primeiro lugar, a **história do objeto técnico** (1) visa a retratar a história da criação e do desenvolvimento do telégrafo e da Internet. Nesse sentido, é imprescindível percorrer o referencial teórico com a preocupação de extrair, dos momentos-chave, a definição do meio. “O que é o telégrafo?” (e “o que é a Internet?”) é pergunta de extrema relevância por lançar luz sobre o modo como o uso vai redefinindo a tecnologia.

Em seguida, os **efeitos concretos** (2) dizem respeito à(s) diferença(s) que um determinado acontecimento faz na vida cotidiana das pessoas que afeta. No contexto sociocultural em que se processa a experiência, que possibilidades a tecnologia de comunicação introduz? Como se altera um dado costume? São questões que visam a apreender com que profundidade um objeto técnico (neste caso, o telégrafo e a Internet) afeta a rotina e as expressões de uma população. Noutros termos, trata-se de investigar, concretamente, de que modo as práticas sociais foram efetiva e diretamente afetadas pela presença do novo meio de comunicação. Poderíamos perguntar, por exemplo, como a troca de informações e notícias viabilizada pelo telégrafo alterou a natureza das relações comerciais? Ou ainda: como a circulação de pessoas mudou em função da comunicação instantânea a longa distância inaugurada com o telégrafo? Em que medida a habilidade de ligar pessoas distantes (tanto no caso do telégrafo como da Internet) provoca mudanças nas relações sociais? Além disso, pode ser interessante também observar em que medida os usos públicos originais dos objetos técnicos em estudo contrastam com os usos privados desenvolvidos em seguida.

¹⁰ É preciso marcar que a divisão em três itens deste esquema foi feita com vistas a operacionalizar a análise do telégrafo e da Internet. Na prática, como se verá, esses itens apresentam-se embaralhados, imbricados; são fatores indissociáveis.

¹¹ Esta análise será apresentada aqui de maneira abreviada. Considerando as delimitações de formato do texto, não apresentaremos as referências bibliográficas ou a circunscrição do contexto a partir dos quais serão examinados o telégrafo e a Internet. Ambos, todavia, partem do esquema apresentado que, com efeito, é o que se pretende discutir neste artigo.

Por fim, como a intenção é compreender os efeitos culturais dos meios em questão a partir de relatos que permitam enxergar mais claramente a vida e os conflitos sociais da época, cumpre dar voz às atitudes e imagens referentes à tecnologia: trata-se dos **discursos**, aqui discriminados em discurso midiático (3.1) e acadêmico/ teórico (3.2). Essas vozes podem ser lidas, por exemplo, em jornais, que assumem-se aqui como uma fonte histórica completa, capaz de indicar a maneira como a sociedade produz, reflete e representa percepções e valores da época.

Acredita-se que a soma desses três pontos seja capaz de fornecer uma compreensão mais fiel do objeto técnico de comunicação, o que, em análise posterior, contribui ainda para a discussão acerca do que pode ser distintivo da tecnologia **de comunicação** em relação às demais.

Uma vez concluída esta fase, a comparação entre o telégrafo e a Internet poderá, enfim, ser traçada. Que semelhanças e diferenças podem ser apreendidas no modo como o telégrafo e a Internet aparecem e atuam no contexto sociocultural e afetam o dia-a-dia dos indivíduos?

Com efeito, a comparação entre as duas tecnologias é anunciada por diversos autores, que sugerem que um breve passeio pela história do telégrafo elétrico mostra um conjunto de semelhanças com a história da Internet. Para Tom Standage (1998), por exemplo, o telégrafo é a “Internet Vitoriana”, a “mãe de todas as redes”. Carolyn Marvin (1988) sugere que, “numa perspectiva histórica, o computador nada mais é do que um telégrafo instantâneo com uma memória prodigiosa” (p.3). De forma semelhante, Wade Rowland (1999) escreve que “as profundas mudanças que o telégrafo gerou para o comércio e para a sociedade estão atualmente sendo espelhadas em nossa era da *World Wide Web*” (p.39); Peter Burke e Asa Briggs (2002) lembram que “a palavra ‘rede’ [*network, web*] já estava em uso no século XIX” (p.6). Diante desse quadro, a tarefa que se nos apresenta é marcar a singularidade do telégrafo e da Internet, para então perguntar pela característica tecnológica que os aproxima. Que relação de proximidade tecnológica pode ser estabelecida entre a Internet e o telégrafo?

Por que o telégrafo?

Sabe-se que a Internet é uma rede de comunicação global, mas seu uso e sua realidade em evolução são produtos da ação humana sob as condições específicas da história. Assim, não basta pensá-la como tecnologia; é fundamental considerá-la também como prática social.

Nesse sentido, perguntar pelos modos de ação da Internet na sociedade contemporânea coloca, de imediato, a necessidade de uma investigação que destaque a presença deste objeto técnico no seio social e as (possíveis) mudanças acarretadas pela adoção da tecnologia.

Faz-se, aqui, uma primeira ressalva, que diz respeito às limitações de se avaliar uma situação em que se está inserido. De forma mais clara, trata-se da dificuldade de se promover um estudo da Internet quando somos, todos nós, atores e autores de sua história, uma história que está aberta e da qual não se tem a distância necessária para tornar sólida a análise.

O que este texto vislumbra como solução mais fértil para o problema de método apresentado é estabelecer um diálogo com outro campo disciplinar, a História. Assumindo, pois, a recomendação de um olhar retrospectivo como via de acesso à realidade vigente, cumpre remontar às origens históricas das tecnologias de comunicação eletrônicas. A trajetória que culmina com a Internet tal como hoje se conhece tem início com o telégrafo; a ele, seguem o telefone (*speaking telegraph*), o rádio (*wireless telegraph*), o cinema, a televisão e, finalmente, a Internet¹².

Assim, para investigar a presença da Internet no seio social, cabe remontar ao objeto técnico pioneiro da chamada “telecomunicação” – o telégrafo – e empreender um estudo comparativo entre ele e a Internet.

O primeiro motivo que anima a escolha do telégrafo, pois, é o fato de ele constituir a tecnologia que inaugura a possibilidade de comunicação através de uma distância física em tempo real. É a partir do telégrafo que se pode falar em comunicação imediata (ou instantânea) à longa distância (a “telecomunicação eletrônica” [MANOVICH, 2001, p.166-8]), na medida em que desvincula os meios de comunicação e de transporte.

¹² A importância da História está também no fato de que ela “perpassa, na posição de fundamento e espaço de articulação, os discursos que à nossa época é permitido enunciar” (AMARAL, 1977, p.129). Nesses termos, toda pergunta é, no limite, uma pergunta histórica, já que está submetida à rede de experiências do tempo em que é perguntada. Assim, o apelo à história responde ainda ao esforço de “manter a análise das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, o mundo público da vida comum, e organizá-la de tal forma que as conexões entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas não sejam obscurecidas” (GEERTZ, 1989, p.40).

Do pioneirismo do telégrafo, resultam dois fatores de similar importância para um procedimento mais adequado da pesquisa.

Como se trata de uma tecnologia concebida ainda no século XIX, já foram superadas as fases de experimentação, popularização e consagração do uso do telégrafo. Sabe-se que a identidade de um objeto técnico vai sendo definida no constante diálogo que a sociedade com ele mantém. Em plena vigência das tecnologias mediadas por computador, o telégrafo aparece como instrumento histórico, marco para o estudo das tecnologias eletrônicas de comunicação.

Além disso, esse distanciamento temporal garante maior crítica na leitura e interpretação do significado e do valor do telégrafo. Soma-se a isso uma bibliografia mais consistente, composta por uma gama de textos que – tal qual toda bibliografia relacionada às tecnologias de seu tempo – reproduz as euforias otimistas e fatalistas dos primórdios, a ponderação que brota do uso crescentemente disseminado e da conseqüente estabilidade/definição do caráter do objeto técnico. Esse distanciamento, contudo, não facilita apenas uma visão crítica. Viabiliza também aquele olhar curioso que penetra numa sociedade e descobre o que ela imaginou, divulgou, sonhou e efetivamente fez de posse da novidade.

Desenha-se, assim, o objetivo geral da pesquisa: uma análise comparativa entre o telégrafo e a Internet como forma de viabilizar uma compreensão da presença e da atuação desta na sociedade contemporânea.

Considerações finais

E, afinal, para que serve uma análise desse teor?

A centralidade dos fenômenos comunicacionais mostrada inicialmente exige que se expanda e enriqueça o horizonte de debate, como também demanda uma revisão do aparato metodológico para a abordagem dos fenômenos em questão do campo da Comunicação.

Esta pesquisa reconhece a necessidade de investigações pautadas (pelas) e adequadas às exigências de seu objeto e de seu tempo que tenham um caráter menos ensaístico e mais ancorado na realidade social (caráter ensaístico bastante em voga no

campo da Comunicação)¹³. Por isso preza pela tentativa de decifrar o tempo presente, apesar da dificuldade de fazê-lo, tendo em atenção a realidade (necessariamente construída) em que existimos.

Nesse sentido, esta análise é motivada pela premência de se recordar que o desenvolvimento de uma tecnologia está condicionado e condiciona uma série de outros desenvolvimentos. Na sociedade, como se pretende sublinhar aqui, estes campos não são estanques. Entender a tecnologia de comunicação pode permitir uma melhor compreensão de nosso tempo como um todo.

Referências bibliográficas

AMARAL, Márcio Tavares d'. *Filosofia da comunicação e da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

BORDENAVE, Juan Diaz. *Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

BURKE, Peter, BRIGGS, Asa. *A social history of media*. Cambridge (MA): Polity Press, 2002.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. "Internet e sociedade em rede". In: MORAES, Dênis de (Org.). *Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003a.

_____. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇA, Vera Veiga. "O objeto da comunicação / A comunicação como objeto". In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001a. p.39-60.

_____. "Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?". *Ciberlegenda* [ISSN: 1519-0617], n.5 (Especial), 2001b. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2003.

GARMENDIA, Jose A. "Método científico"; "Metodología". In: DEL CAMPO, Salustiano, MARSAL, Juan F., GARMENDIA, Jose A. (Eds). *Diccionario de Ciências Sociales*. Vol. II. Madrid: Instituto de Estudios Políticos; UNESCO, 1976. p.203-4.

¹³ A esse respeito, conferir a perspectiva crítica adotada por Rüdiger (2002) face às teorias mais correntes sobre cibercultura.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Anotações de viagem”. In: *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.43-65.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge (MA): The MIT Press, 2001.
- MARVIN, Carolyn. *When old technologies were new*. New York: Oxford University Press, 1988.
- ROWLAND, Wade. *Spirit of the web: the age of information from telegraph to Internet*. Toronto: Key Porter Books, 1999.
- RÜDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura*. São Paulo: Hacker, 2002.
- SILVERSTONE, Roger (Org.). “What’s new about new media?”. *New media & society*, London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE, vol.1(1), p.10-82, 1999.
- STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet*. New York: Berkley Books, 1998.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VAZ, Paulo. “História das tecnologias cognitivas”. Artigo apresentado no GT Comunicação e Sociedade Tecnológica, no XI Encontro Nacional da Compós, ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- VEJA. *Veja – Especial do milênio*, São Paulo, ano 31/número 51, p.81, 1999.
- VEYNE, Paul Marie. “Foucault revoluciona a história”. In: *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1982. p.149-181.
- WALLERSTEIN, Immanuel. “Análise dos sistemas mundiais”. In: GIDDENS, Anthony, TURNER, Jonathan (Orgs). *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp, 1999. p.447-470.